Enigma das Ondas

Rodrigo Garcia Lopesⁱ

Mendigos

'Tis News as null as nothing,
Emily Dickinson

Na aurora putrefata
mendigos pescam imagens,
imagens de mendigos,
clichês batidos
(disfarce: preconceito de classe)
nas caçambas e latas de lixo
vazias de signos.

Oh, masters of the universe,
o lindo petróleo que jorra
da flor indiferente e idiota.
Mendigos Nasdaq mastigam
mais cenas de mendigos, nas esquinas

do ciberespaço em busca de miragens
(sacos pretos, azuis, coloridos).
É um vírus perverso, delicada
chacina, é um falso Gauguin, o celular
de um Baudelaire apressado tocando
na lama, um vaso de glicínias e camélias
metralhadas, é o mendigo queimado vivo
numa queima de arquivo
no Vale do Silício.

É um broker na Deep Web explodindo
a própria cabeça, uma ex-top model
dormindo na porta de um banco
em Barcelona, injetando
valsas vienenses nas veias.

É um estio com estilo,
antimatéria do não-sentido,
é um after party fatal, muralha de imagens
com milhares de vídeos idênticos,
um pôr do sol exuberante
(cheirado, uma carreira brilhante)
atropelado por um Hyundai Veloster.

Numa poça de agora estagnado

a lua anula a luz do céu veloz.

A mendiga olha: um arco-íris se forma

na branca saliva de uma teia.

Praias patenteadas pela China, ar

a um real, rajada de hashtags na

noite, carvão do crepúsculo.

Hackers mendigos de terno preto Hugo

Boss puído, mijo, detritos, cratera,

a careca luzidia de Dr. Show,

traficante de maresia, cabeça pensa

num sofá de pedra, trincado

busto de manequim na sala VIP

do viaduto do verão

diante de um imenso grafitti

de “A Grande Onda”, de Hokusai, projetado

no paliteiro da metrópole.

E ela cai, exangue, em câmera lenta, offshore.

Zap, zás, zoom, anti-Zeus, ratazanas Dior,

pipocos de AR-15, mendigos fogem

de uma freak wave

de paparazzis italianos. Tulipa

chapada de Propofol

lendo Caminho Suave pela Vereda Versace.

Usuários de crack com cachimbos privê,

biquinhos Gucci, os lábios leporinos

do Senhor Mercado, o matador de aluguel indiano

na boca de rango,

(o rosto limpo como uma enfermaria suíça).

Céu da cidade crua, fantasmas de milicianos,

brisa de commodities, rios cimentados

ou pior: céu fora do ar, noite

em pleno dia, em transe,

fumaça da Amazônia,

névoas de traças,

borboletas digitais de palavras

sem carne, sem viço, sem vida,

minuciosa e impiedosamente

estraçalhadas.

Janela indiscreta

Em algum lugar perto deste hotel
alguém desafina uma Aquarela Brasileira no saxofone.
Longe, a espinha das serras azuis.
Um avião decola de São José dos Pinhais
rumo a Londres ou Londrina,
cruza o céu cinza da cidade grande.
Velha araucária espremida
entre prédios espelhados.
Na TV, mais uma delação premiada.
Pessoas trabalhando ou nos celulares
em cada uma dessas janelas, abelhas.
Luzes se acendem, luzes se apagam.
A tarde cai fria e depressa.
Triste carne, triste Curitiba.

Insular

A vila dorme solitária sob a chuva,
imenso cão cinza sobre os
sonhos de areia que o mar apaga.

A mente: esfarrapada
bandeira pirata.

Cego, o coração (compêndio
de velhos silêncios) caminha
no pátio deserto da noite,
pelas explosões da orla.

Em transe, o céu afaga
o que o mar escuro afoga:
letras em câmera lenta.

É a língua que naufraga
Em busca de uma voz

fosse uma trilha
no luto
da luz

as ondas congeladas
da minha fala
erigem uma ilha.

Tritina: sumi-ê

Diante da paisagem o monge meditava há um dia.
Percebeu que o vento sul das montanhas
soprava mais forte, em direção às outras ilhas.

Confinado no templo, só pensava em arquipélagos, ilhas
perdidas, guardadas no céu da retina, numa fresta de dia
ou vistas, como de um drone, do alto das montanhas.

A névoa era uma imensa rede de pesca sobre as montanhas.
Aos poucos, montanhas eram de novo montanhas. Ilhas, ilhas.
Então lembrou o que o mestre, aqui mesmo, disse um dia:

“Um dia essas montanhas serão ilhas”.

ⁱ Rodrigo Garcia Lopes é de Londrina, PR 1965, poeta, romancista, tradutor, compositor e jornalista.